



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

18028 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT12 - Currículo

O CURRÍCULO QUE ESCAPA: UMA ENCRUZILHADA DISCURSIVA NOS COTIDIANOS DAS SALAS DE AULA

Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Ednaelli Dolôres Vieira da Silva - UFPE/CAMPUS AGRESTE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

José Carlos Miranda da Silva - UFPE/CAMPUS AGRESTE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

O CURRÍCULO QUE ESCAPA: UMA ENCRUZILHADA DISCURSIVA NOS COTIDIANOS DAS SALAS DE AULA

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo intitulado “O currículo que escapa: uma encruzilhada discursiva nos cotidianos das salas de aula” faz parte de uma pesquisa maior, vinculada ao grupo de estudos “Discursos e Práticas Educacionais”, que se inscreve no debate nacional sobre os rumos das políticas curriculares, do currículo e da formação de professores.

Elucidamos nesta pesquisa que partimos do entendimento de que as práticas curriculares estão imbricadas a uma dimensão de produção de sentidos, não sendo consideradas estáticas (Burity, 2014). Desse modo, os contextos da sala de aula se apresentam numa esfera de polissemia de sentidos e encruzilhadas, ou seja, caminhos curriculares que se cruzam com a multiplicidade de demandas, onde se torna inútil querer classificar as estruturas educacionais, pois elas simplesmente escapam o gênero não as pega mais.

Não temos um ideal de definir um significado exclusivo para o termo currículo, ou buscar uma solução para as encruzilhadas discursivas que se encontram nas salas de aula e nas próprias práticas dos professores, mas reportamo-nos analogicamente a Lispector (1998, p. 06), quando retrata:

Estou atrás do que fica atrás do pensamento. Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo. Gênero não me pega mais. Além do mais, a vida é curta demais para eu ler todo o grosso dicionário a fim de por acaso descobrir a palavra salvadora. Entender é sempre limitado. As coisas não precisam mais fazer sentido. Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é possível fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada. Porque no fundo a gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro.

Ancorados nesta escrita não pretenderam isolar Lispector em nossos requisitos do fazer sentido, apesar de tentar, ela também escapa e não há como prender, apenas deixar os versos encontrarem sua encruzilhada. Não ficamos atrás do que fica atrás do pensamento, nem do presente ou porvir, nem inventada, nem verdade, mas a expectativa dos encontros com a pluralidade de *sentidos* que cerca a realidade.

Nesse ínterim, o *sentido* importa muito, pois não o enxergamos em uma cristalização que revela e estabelece estruturas fundantes e últimas, isto é, entendemos que há a tentativa de construir uma lógica política que tente conter as migrações imponderáveis do currículo que se envereda na tessitura das práticas cotidianas de professores e professoras da educação básica.

Nesta linha, a particularidade das salas de aula colide com a universalidade das políticas curriculares, destacando a complexidade inerente à relação entre o local e o global no contexto educacional. No âmbito das salas de aula, essa interação se movimenta constantemente uma vez que a particularidade das experiências de ensino e aprendizado ocorre em um cenário onde as políticas curriculares buscam estabelecer diretrizes e padrões mais abrangentes.

Assim, o estabelecimento hegemônico de políticas como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que se alinha numa esfera de busca por centralização das decisões, a dicotomia do lugar de produção e implementação de políticas educacionais, além das agendas que privilegiam uma determinada concepção de docência, conhecimento e educação. (Frangella, 2021).

A partir de Pimentel Júnior (2021), podemos refletir sobre como a crença em um fundamento último reparador, e as políticas performáticas que aparecem como respostas de ações que buscam solucionar a angústia frente ao universo ingovernável da educação e a tentativa de conter determinados sentidos que são criados nos contextos particulares. Desse modo, acerca dos aspectos de universalidade das políticas curriculares e a enunciação “Nacional” postulada na

BNCC, concordamos com Gigante e Rodrigues (2014, p.4), que

Quando consideramos os significantes nacional e particular para pensarmos a política curricular, também nos interessa discutir que a demarcação/constituição de algo significado como particular apenas faz sentido se outros particulares existirem, bem como se um constitutivo global existir, mesmo que de forma precária. É isso que torna possível a luta, a política e a relação particular/universal é o caráter intrinsecamente constitutivo que a parte e o todo mutuamente possuem e necessitam para sua constituição.

Ou seja, ainda que se demarque nos documentos políticas as margens nacionais e a ideia do comum a todos, existem marcas de antagonismos e disputas produzidas pelos sujeitos, considerando que um projeto nacional não se reverbera como materializado e fechado, mas produz e se põe em subjetividade, aberto, passível de negociações, interrupções e reivindicação de demandas.

Logo, como problemática de pesquisa, nos dispusemos a investigar, como se movem as encruzilhadas discursivas em torno do currículo escolar no cotidiano das salas de aula no agreste pernambucano?

Buscamos, como objetivo geral, analisar as encruzilhadas discursivas em torno do currículo escolar no cotidiano das salas de aula. E temos como objetivos específicos: compreender como o currículo se desenvolve e se move; identificar os discursos que moldam as práticas curriculares dos professores da educação básica no seu cotidiano no âmbito de seu agir como decisores em suas práticas curriculares.

Para tanto, metodologicamente, desenvolvemos a pesquisa a partir de uma lente pós-estruturalista em Laclau e Mouffe (2015), que admite o discurso como ferramenta essencial para compreender as relações sociais enquanto constantes em seus movimentos de sentidos e subjetividades. Ou seja, buscamos as construções discursivas que influenciam as práticas curriculares, incorporadas ao currículo em relação com os sentidos produzidos no âmbito das práticas curriculares dos professores egressos (UFPE - CAA) em suas salas de aula.

A seleção dos colaboradores da pesquisa se deu no campo do curso de pedagogia na UFPE - CAA, com o intuito de reconhecer professores egressos do curso. Para tanto, compartilhamos um questionário no *Google Forms*, distribuído em todos os períodos, com o objetivo de obter indicações de egressos do curso. Essa estratégia foi escolhida para mapear de maneira abrangente os envolvidos, proporcionando uma visão mais completa da comunidade acadêmica em questão. Segue quadro 1, com o apontamento de nossos participantes e suas respectivas cidades e município de atuação:

Quadro 1 – Participantes da pesquisa

Nome fictício	Tempo de atuação / identificação	Município de Atuação
Broto	Egressa - 6 meses - Efetiva	Caruaru/PE
Metamorfose	Egresso - 5 anos - Contratado	Caruaru/PE
Ventania	Egressa - 5 anos - Contratada	Bezerros/PE
Fluir	Egressa - 15 anos - Efetiva	Brejo da Madre de Deus/PE

Fonte: autores, 2024

Assim, buscamos fazer uma discussão do currículo enquanto escapatória e movimentação discursiva, onde dialogamos com a conjuntura de nossos objetivos específicos. Ressaltamos que há uma multiplicidade de caminhos e encruzilhadas que a própria pesquisa desenvolve em sua subjetividade.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O currículo em escapatória: os professores numa movimentação discursiva

No momento atual, voltamo-nos às reflexões iniciais apresentadas por Clarice Lispector (1998). Em sua poesia, a autora sugere que, na busca pela verdade, é inútil tentar classificar as coisas, pois elas escapam às tentativas de contenção e à lógica de fazer sentido. Da mesma forma, seguimos a ideia de que o currículo é um desses elementos que fogem ao ideal de normatização e políticas, orientando-nos na tentativa de compreender como ela se desenvolve, se move e se estabelece.

Consideramos a possibilidade de uma movimentação curricular que transcenda as padronizações e hegemonias que tentam limitá-la. Olhamos intuitivamente para as diferentes construções discursivas e propostas curriculares que a cercam. Além disso, nosso objetivo também inclui identificar os discursos que moldam as práticas curriculares e avaliativas dos professores da educação básica no seu dia a dia e sua capacidade de agir como decisores na condução de suas práticas cotidianas.

Nessa busca pelas encruzilhadas, ou seja, pelos caminhos que se entrelaçam nas salas de aula, temos acompanhado de perto os professores e professoras, que são simbolizados por elementos da natureza. Esses símbolos refletem como a docência transcende estruturas pré-definidas, sendo repleta de multiplicidade e significados em constante transformação. É um movimento contínuo e fluido, que escapa à medida quantitativa.

Assim, nas observações com o professor Metamorfose - atuantes no 5º ano

da rede municipal do município de Caruaru - relata que não se isola a ideia de um currículo de conhecimento escolar como superior, mas que prefere pensar o conhecimento como aquilo que pode construir junto com os estudantes, com as vivências deles e a oportunidade de pensar o saber (Diário de Campo, 2024).

Ainda nesses ideais, a professora Broto - também da rede municipal de Caruaru, atuando no 2º ano do Ensino Fundamental - discute sobre como busca instigar nos alunos uma curiosidade para conhecer e participar ativamente nas discussões em sala, apesar de não conseguir mobilizar todas as aulas de forma tão dinâmica - isso por conta de uma lógica de demandas normativas como da BNCC - trata o conhecimento curricular como um diálogo construído junto aos seus estudantes.(Diário de Campo, 2024).

Nesse íterim, a professora Ventania - atuante no 2º ano da rede municipal de Bezerros - traz em seu discurso as dificuldades encontradas na adaptação dos conteúdos curriculares enviados como obrigatório pela Secretaria de Educação, cita:

[...] eu gosto de elaborar atividades a parte, até porque o livro didático não contempla o nível de aprendizagem de cada aluno, é exigido um conhecimento mais geral e não específico, então eu gosto muito de realizar atividades também no caderno dos alunos, inclusive os próprios responsáveis cobram e acompanham o que está sendo feito no caderno e se cada criança está conseguindo ser ativa nas propostas das aulas (Diário de Campo, 2024).

Ventania aponta que muitas vezes no cotidiano escolar a significação de currículo é trazida com um viés conteudista, onde os estudantes e professores(as) são levados a um distanciamento de suas necessidades particulares de aprendizagem e encaminhados a uma lógica de atendimento a demandas dos currículos prontos socializados com relação a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Desse modo, concordamos com Laclau e Mouffe (2015), na dimensão das movimentações discursivas que deslocam sentidos outrora restritos, onde os professores resistem para além de uma prática pedagógica imobilizada na normatividade e caminham nas subjetividades.

Nesse aspecto, a professora Fluir - atuante no 1º ano da rede municipal de Brejo da Madre de Deus - nos leva a refletir sobre como as realidades encontradas na sala de aula cotidianamente se apresentam como aspectos relevantes para a construção da aprendizagem dos estudantes, como mais que uma organização curricular ou planejamento, haja vista que identificamos que a todo momento a professora busca realizar modificações em sua prática pedagógica ao notar disparidades na compreensão dos estudantes, seja pelo reconhecimento de letras ou escrita, as dificuldades dos estudantes colocam os professores em um caminho de adaptação.

Seguimos, então, o pensamento de Sousa (2019), para compreendermos como a política está envolta de relações processuais e sociais, em que a temporalidade e o processo subjetivo, é precário e sempre passível de mudanças, assim, a própria lógica de um conhecimento estável escapa, e permeia-se por um esquema de produção discursiva.

Aprofundando a discussão, nos voltamos ao professor Metamorfose, para refletirmos sobre a necessidade de que o currículo não seja confundido com uma versão compartimentalizada de disciplinas, o mesmo continua nos relatando sobre como não enxerga essa dimensão associada à caixinhas onde em cada momento se abre um conteúdo específico, exemplo de português, e se fecha para realizar associações a outras disciplinas, mas prefere se libertar das grades curriculares, e atuar numa interdisciplinaridade, propondo que:

Veja, eu não enxergo exatamente como algo compartimentado. Uma caixinha após a outra. Eu enxergo mais como um tema que a gente vai trabalhar. Porque eu entendo que o aluno não aprende. Agora a gente vai aprender matemática. Então vai todo mundo esquecer as outras matérias. Vai esquecer a leitura. Para poder fazer isso aqui. Não tem como fazer isso. A gente não aprende dessa forma. A gente aprende de forma transversal. É misturada mesmo. E no final, o nosso próprio cérebro vai entender que aquilo ali faz parte do conteúdo de matemática. Aquilo ali vai fazer parte do conteúdo de história e geografia. Essas disciplinas, na verdade, eu acho que é mais uma forma de colocar as coisas em gradadas. Colocar em grades, mas o professor tem como libertar-se disso. Ele tem como libertar esse conhecimento na prática. Aí eu vejo mais as temáticas. E aí a gente vai misturando. Hoje mesmo eu trabalhei, veja, matemática, mas com atividade de pintura, de artes. Eu sei que arte é algo muito mais profundo. Mas dá para a gente ir mesclando. Acho que é mais ou menos isso (Entrevista, fevereiro, 2024).

Nesse sentido, nos apoiamos nos estudos de Coelho (2020), entendendo que o professor produz esferas de antagonismo, onde as dificuldades encontradas em suas práticas são perpassadas pelo próprio contexto da arena política, produzindo novos sentidos e dando voz a construção de uma identidade docente viva. Metamorfose ainda nos relata que não busca se ater a um registro que seja exclusivo, mas que geralmente deixa os registros de nota no sistema por último, pois entende que aprendizagem do estudante é oralizada todos os dias durante as aulas, não se limita a lógicas de acertos e erros como limitantes do sujeito, mas como chances de construir junto aos alunos seus caminhos de aprendizagem.

Assim, nos referimos a Diniz (2019), para ressaltar a relevância do nosso aporte teórico em Laclau e Mouffe, como o elemento diferenciador que guia nossas pesquisas numa linguagem que foge a exclusividade de palavras, mas que engloba os contextos, as vivências e os escapes que produzem a polissemia de sentidos que mantêm a escola viva, o currículo vivo, em cada momento de fuga/escape e atravessamento nas práticas docentes e nos reflexos dos estudantes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da enunciação “Considerações Finais”, temos como finalidade neste trecho, denotar as parcialidades a que o discurso sempre envolverá, pois, não o entendemos como completo e acabado, mas como objeto sempre fluido em nossas pesquisas, impossível de cristalizar e de pormenores considerar este ou qualquer estudo como finalizado, pois o próprio leitor em seu entendimento, também se alinha e articula, e cria novas possibilidades de pensamento e produção discursiva, que se insere como mais que texto (Laclau; Mouffe, 2015).

Assim entendemos que ao analisar as encruzilhadas discursivas em torno do currículo escolar, estamos adentrando uma esfera de constante movimentação e mobilização que se inter cruzam. Então, não buscamos uma verdade última e/ou definitiva e muito menos inventada, no entanto compreendemos que o currículo é um objeto subjetivo de constantes escapatórias, escapes esses produzidos pelo próprio contexto de decisão curricular em que os professores são desafiados diariamente.

REFERÊNCIAS

BURITY, J. (2014). Discurso, política e sujeito na teoria da hegemonia de Ernesto Laclau. In: Mendonça, D; Peixoto, L. **Pós-estruturalismo e teoria do discurso: em torno de Ernesto Laclau.** (2.ed.). Porto Alegre: EDIPUCRS. Disponível em: https://www.academia.edu/27343226/Discurso_politica_e_sujeito_na_teor_da_heger Acesso em: 20 jul. de 2024.

COELHO, Gabriel Bandeira. **Lutas por hegemonia: Articulações discursivas da sociologia ambiental nos programas de pós-graduação multidisciplinares de excelência em ciências ambientais.** 2020. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/213009>. Acesso em: 24 jul. de 2024.

DINIZ, Vanessa Lessio. **Currículo e Sentidos de Geografia em Timor-Leste: Disputas na Significação da Identidade Nacional Timorense** (Doutorado). Orientador: Professor Rafael Straforini. UNICAMP - 2019. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1081192>. Acesso em: 22 jul. 2024.

FRANGELLA, Rita de Cássia. Ensinando por Códigos: construindo uma docência padronizada. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 21, n. 3, p. 1148-1168, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol21iss3articles/frangella.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2024.

GIGANTE, C. C. ; RODRIGUES, P. F. . Base/Comum/Nacional: A busca pela universalização na BNCC. In: **ANPED** - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2019, Niteroi/RJ. Anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2019. v. 1. p. 1-190. Disponível em: http://39.reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/sites/3/trabalhos/4998TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf. Acesso em: 10 de jul. de 2024.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista**: por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios, 2015.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. 1.Ed. Rio de Janeiro, 1998.

PIMENTEL JUNIOR, Clívio. Demandas discursivas regulatórias para “fazer a BNCC sair do papel” no Oeste da Bahia. **Revista Roteiro**, Joaçaba, v. 46, jan./dez. 2021.

SOUSA, José Umbelino de. **Diferença Cultural nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**: uma análise do discurso docente. Dissertação de Mestrado, UFPB/Educação, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/23806>. Acesso em: 29 jul. 2024.